

RETRATOS QUE FALAM

Juliana Cunha Torres¹; Jacqueline da Silva Alves²; Alessandra Cândida Egidio da Costa³

PALAVRAS-CHAVE

Invisibilidade social; Idosos; Escuta empática; Fotografia social.

INTRODUÇÃO

Os avanços da medicina, sobretudo no combate a doenças infectocontagiosas, e o fortalecimento das políticas públicas de saúde transformaram o cenário epidemiológico e promoveram o envelhecimento populacional (Duarte *et al.*, 2021). Este processo, considerado irreversível, constitui uma das mais profundas mudanças demográficas do século XXI. A Organização das Nações Unidas (ONU, 2025) alerta que, em 2080, o número de pessoas com 65 anos ou mais será superior ao de crianças com menos de 18 anos.

Em uma sociedade contemporânea intensamente visual, marcada pela cultura da performance e pelo uso massivo das redes sociais digitais, ser visto equivale, muitas vezes, a existir socialmente. Entretanto, os corpos que não se encaixam no ideal de juventude, produtividade e beleza acabam sendo excluídos desse enquadramento tornando-se invisíveis em meio à superexposição das imagens. É nesse cenário que emerge o problema desta investigação: como a escuta empática e a fotografia podem atuar como instrumentos de visibilidade simbólica e reconhecimento social de pessoas idosas?

O sentimento de invisibilidade social emerge do não reconhecimento e do desprezo social, fenômeno que, segundo Tomás (2006), é construído pela coletividade e pelos preconceitos que moldam o olhar social. Essa invisibilidade, ainda que simbólica, gera vergonha, isolamento e sensação de inexistência. Tais sentimentos, quando prolongados, produzem adoecimento psíquico e sofrimento ético, sobretudo em grupos que já experimentam marginalização.

Entre esses grupos estão os idosos, sujeitos que, ao perderem utilidade no mercado de trabalho, se retraem e silenciam. A humilhação social, somada à falta de rede de apoio e às limitações físicas, contribui para o isolamento e para o apagamento simbólico de suas histórias. A literatura alerta que o sofrimento gerado por essa invisibilidade pode favorecer quadros de depressão e ideação suicida, aspectos ainda pouco reconhecidos nas políticas públicas e na mídia (Santos, 2021).

O Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) representa um marco na garantia de direitos dessa população, mas, conforme observa Correa (2000), o isolamento social persiste como condição avassaladora, reforçada pelo preconceito etário (idadismo) e pela desvalorização simbólica da velhice.

1 Centro Universitário UDF; torresju@bioharmonica.com.br; ID Lattes: 2072182680647063

2 Centro Universitário UDF; jacquelinealvex@gmail.com; ID Lattes: 9259914849264196

3 Centro Universitário UDF; alecandida@maail.com; ID Lattes: 1038710452733585

Envelhecer de forma saudável, portanto, exige uma visão multidimensional, que vá além do corpo biológico e contemple dimensões emocionais, sociais e espirituais. A necessidade de se alcançar a integridade, o último estágio do desenvolvimento psicossocial, faz com que a promoção de relações sociais significativas e o reconhecimento simbólico se tornem fundamentais para o bem-estar e a qualidade de vida na velhice (Kassulke & Soares, 2022).

Neste contexto, o objetivo do trabalho é compreender como práticas artísticas e de escuta ativa, realizadas no contexto de uma feira popular, podem promover pertencimento, memória e dignidade entre sujeitos em processo de envelhecimento. Ao transformar experiências comuns em imagem e narrativa, o projeto assume o que Martins (2022) descreve como o gesto de “desbanalizar o banal”. A fotografia feita pelo homem comum, afirma o autor, carrega a intenção de documentar o cotidiano em sua tensão e beleza, “na luta permanente para superá-lo”. Assim, o registro fotográfico torna-se mais do que uma representação: é um ato de reconhecimento e de resistência simbólica.

A fotografia, ao mesmo tempo em que revela o visível, torna presente o ausente, mantendo, segundo Martins, “um remanescente da sociedade tradicional, que permanece sutilmente oculto no mundo contemporâneo como desejo de totalidade, como repulsa da fragmentação e do estranhamento”. Assim, *Retratos que Falam* propõe restituir o olhar e o lugar social daqueles que se tornaram invisíveis, convidando a sociedade a enxergar a velhice como potência e continuidade da vida.

Diante desse cenário de invisibilidade e silenciamento, justifica-se a presente ação de extensão como uma iniciativa que busca, por meio da escuta empática e da fotografia, promover reflexão social, empatia e reconhecimento simbólico da velhice como etapa de potência e não de perda. No campo acadêmico, contribui para o diálogo entre Psicologia e Arte explorando novas formas de produção de conhecimento baseadas na experiência, na sensibilidade e no encontro. A hipótese central é que a escuta empática e o registro fotográfico podem funcionar como dispositivos de resistência simbólica e de restituição da voz e do lugar social do idoso.

METODOLOGIA

O projeto configura-se como uma ação de extensão universitária, com caráter educativo, cultural e artístico vinculada ao curso de Psicologia do UDF. Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas com trabalhadores e frequentadores com 60 anos ou mais, da Feira do Guará e do Cruzeiro, que narraram suas histórias de vida. O método cartográfico foi adotado como meio de registro e análise das forças que emergiram durante os encontros, buscando compreender os afetos, resistências e significados presentes na experiência vivida.

As entrevistas foram acompanhadas por registros fotográficos, compondo uma exposição artística intitulada *Retratos que Falam*, na qual imagem e palavra se complementam. Todos os participantes assinaram termo de autorização para uso de imagem e relato, e a ação foi conduzida em conformidade com os princípios éticos da Resolução CNS nº 510/2016, que isenta projetos de natureza educativa, artística e cultural da necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS

Os resultados, gerados a partir da escuta empática e dos registros cartográficos, confirmam o potencial de restituição da voz. Apesar das singularidades de cada trajetória, os relatos revelam um padrão de resistência silenciosa e de reinvenção cotidiana. São narrativas que entrelaçam trabalho, fé, pertencimento e dignidade como fios condutores da existência.

Em 90% dos depoimentos, o trabalho aparece não apenas como fonte de sustento, mas como elemento estruturante da identidade, como uma forma de garantir sentido, autonomia e pertencimento. Mesmo após perdas, doenças, aposentadorias ou mudanças de função, o ato de trabalhar mantém viva a noção de utilidade social e o sentimento de valor próprio.

Além disso, a fé, em diferentes expressões (religiosa, espiritual ou intuitiva), aparece como base de sustentação emocional e moral. Ela não se impôs como dogma, mas se manifestou em gestos de esperança, gratidão e perseverança. Essa dimensão espiritual funciona como um recurso de enfrentamento psíquico frente à solidão, ao envelhecimento e à dureza do cotidiano.

Ademais, todos os entrevistados relatam mudanças abruptas com necessidade de adaptação: separações, desemprego, viuvez, doenças ou migrações. No entanto, em lugar da resignação, há uma estética da reconstrução, marcada pela criatividade e pela capacidade de seguir, reinventando o possível.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Erikson, no último estágio do desenvolvimento psicossocial, correspondente à velhice, é o momento de retrospectiva onde o idoso busca coerência e significado em sua vida. A conquista dessa integridade depende da capacidade de o indivíduo dar sentido às suas experiências e à sua história, alcançando uma "pertencividade significativa". Em contrapartida, a ausência de sentido ou o isolamento social levam ao desespero (Kassulke & Soares, 2022).

Conforme Bosi (1994), a memória desempenha um papel central na construção da identidade e no reconhecimento social, especialmente na velhice. A autora destaca que o ato de recordar não é apenas individual, mas também uma experiência compartilhada, capaz de estabelecer vínculos e dar sentido à trajetória de vida. Portanto, ouvir as histórias dos idosos torna-se uma forma de valorização simbólica, permitindo que suas experiências sejam reconhecidas e integradas à memória coletiva.

A escuta teve inspiração no conceito de escuta empática, proposto por Carl Rogers, associado ao princípio da consideração positiva incondicional. Trata-se de uma postura de acolhimento genuíno, que convida o indivíduo a acessar suas memórias, emoções e significados de forma livre, sem medo de julgamento. Nesse espaço seguro, sem avaliações morais ou comparativas, a palavra flui e com ela, a possibilidade de elaboração simbólica e de reconhecimento de si (Feist & Roberts, 2019). Somou-se a essa escuta a noção de cartografia proposta por Guattari e Rolnik (2013), para quem cartografar é acompanhar os fluxos e intensidades da experiência, e não apenas representá-la. Nesse sentido, a cartografia é uma prática em que o pesquisador se implica nos afetos e sentidos que emergem do encontro com o outro.

Assim, no projeto *Retratos que Falam*, a escuta empática e o registro fotográfico operam como dispositivos cartográficos, revelando forças sutis (memórias, gestos, emoções) que

compõem o território simbólico dos participantes, bem como meio de revelar a dignidade do cotidiano e questionar a lógica utilitarista que reduz o valor do ser humano à sua produtividade.

Sob essa perspectiva crítica, Pereira (2022) retoma Adorno e Horkheimer para mostrar que o avanço técnico e a indústria cultural geraram formas sutis de alienação e desumanização, transformando a arte em produto e o sujeito em objeto. Consequentemente, a arte, nesse contexto, perde seu potencial emancipador e reflexivo. E ao revisitar a teoria gramsciana da hegemonia, Moraes (2010) ajuda a compreender as disputas simbólicas e culturais que atravessam a sociedade civil e convida às expressões contra-hegemônicas através de espaços de resistência simbólica e de produção de novas sensibilidades sociais.

CONCLUSÕES

O projeto demonstrou que a escuta e o olhar atentos são ferramentas poderosas de transformação social. Ao promover o encontro entre estudantes e trabalhadores da feira, a experiência gerou aprendizado mútuo, empatia e consciência crítica sobre a invisibilidade dos idosos.

O estudo confirmou o potencial da escuta empática e do olhar fotográfico como ferramentas de resgate da subjetividade e de reafirmação da dignidade dos participantes. Muitos participantes disseram nunca ter sido “ouvidos com tanta atenção”, o que evidencia o potencial curativo da escuta como ferramenta de reconhecimento e humanização. O projeto mostrou que escutar é um ato político e curativo.

A exposição fotográfica evidenciou que o simples ato de escutar e registrar transforma o olhar sobre o outro: o entrevistado se reconhece como sujeito de valor, e o observador é convidado a refletir sobre o preconceito e a indiferença social. A arte, neste contexto, cumpriu um papel político e terapêutico: permitiu ressignificar dores, preservar memórias e promover pertencimento. Em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Saúde e bem-estar, Igualdade de gênero e Redução das desigualdades), o projeto reafirma que o desenvolvimento social só é possível quando se reconhece a dignidade e a história de cada pessoa.

Nesse sentido, *Retratos que Falam* propõe uma intervenção simbólica que une arte, empatia e responsabilidade social, alinhando-se à proposta da universidade de articular teoria e prática em ações com impacto comunitário. Como continuidade, recomenda-se a ampliação da exposição para espaços públicos e culturais, de modo a sensibilizar a sociedade sobre o valor da escuta, da memória e da velhice. Além disso, futuras investigações poderão aprofundar a compreensão sobre o papel da fotografia como instrumento terapêutico e social, mediadora do reconhecimento simbólico e da autoestima em populações idosas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

DUARTE, Yeda Aparecida *et al.* A visibilidade dos invisíveis: o olhar para os idosos vulneráveis durante e pós-pandemia da COVID-19. In: SANTANA, Rosimere Ferreira (org.). **Enfermagem gerontológica no cuidado do idoso em tempos da COVID-19**. Brasília, DF: Editora ABEn,

2021. p. 171–180. Disponível em: <https://doi.org/10.51234/aben.21.e05.c11>. Acesso em: 29 out. 2025.

FEIST, Jess; ROBERTS, Gregory J. **Teorias da personalidade**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KASSULKE, A. G.; SOARES, A. V. Envelhecimento: aprendizagem e vivência sob a perspectiva de Erikson. **Revista Confluências Culturais**, v. 11, n. 2, p. 73-80, 2022. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/1811>. Acesso em: 28 out. 2025.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed. 6. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54–77, jan./jun. 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Global issues: ageing**. Disponível em: <https://www.un.org/en/global-issues/ageing>. Acesso em: 25 out. 2025.

PEREIRA, Lucas Rodrigues. A teoria crítica de Adorno e Horkheimer: reflexões sobre a sociedade contemporânea. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 9, n. 2, p. 303–312, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2495>. Acesso em: 29 out. 2025.

SANTOS, Mariana Cristina Lobato dos *et al.* Suicídio em idosos: um estudo epidemiológico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 55, e03694, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019026603694>. Acesso em: 25 out. 2025.

TOMÁS, Júlia Catarina de Sá Pinto. A invisibilidade social: uma perspectiva fenomenológica. *In*: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6., 2006, Lisboa. **Mundos sociais, saberes e práticas**. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2006. p. 285. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/285.pdf>. Acesso em: 25 out. 2025.